

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

4 e 7 de Maio de 2022

A CINEMATECA COM O INDIELISBOA: DORIS WISHMAN – O INFERNO PODE ESPERAR

**LET ME DIE A WOMAN
ou
MAN OR WOMAN? / 1977-79**

Um filme de Doris Wishman

Argumento: Doris Wishman (não creditada) / *Diretor de fotografia (35 mm, cor):* Juan Fernandez / *Música:* Thomas Valentino / *Montagem:* Lou Burdi / *Som:* Titan Productions. / *Com as presenças de:* Dr. Leo Wollman, Leslie, Deborah Harten, Lisa Carmelle, Frank Pizzo.

Produção: Hygiene Films / *Cópia:* digital (transcrito do original em película) versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 77 minutos / *Estreia mundial:* Estados Unidos, 1977, em dia e mês não identificados *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca:* 10 de Julho de 2003, no âmbito do ciclo “Trash – É Tão Mau que é Bom”.

Doris Wishman pode, sem desdouro e com donaire, ser classificada na categoria do cinema *trash*, devido às suas opções a nível das condições de produção e do imaginário narrativo. Todo autêntico filme *trash*, inclusive os que infligem árduas provas ao estômago do espectador, como este, ilustra a ideia de Douglas Sirk, segundo a qual um filme começa pelo seu título. Quem não quer ver filmes com títulos como **Let Me Die a Woman**, **My Degeneration**, **Love Slaves of the Amazon**, **I Was a Hippie Vampire**, **Attack of the Killer Tomatoes**, **Motel Hell**, **Ghosts of the Civil Dead**, **Santa Claus Conquers the Martians**, **Intimidades de una Cualquiera** ou **Delírios de um Anormal?** Qualquer um quer vê-los. Podemos inclusive pensar que os vimos, só de lermos os títulos e os resumos. **Let me Die a Woman** é um título muito mais cínico, divertido e interessante do que o outro título do filme: **Men or Woman?**. É claro que os títulos dos filmes podem ser enganadores, como os nomes dos pratos nas ementas de certos restaurantes. Mas isto faz parte da experiência do filme *trash*, que sempre tem algo de conceptual, pois a ideia do filme muitas vezes constitui setenta por cento da sua matéria. Aldrabar o espectador faz parte do jogo, assim como dar-lhe exatamente o que se anuncia, que é uma aldrabice. Este jogo paradoxal, este equilíbrio entre ludibriar e dizer a verdade, é um dos elementos centrais do cinema *trash*. É por isso que tantos filmes *trash* se transformam em filmes de culto, embora o primeiro filme “cultuado” de que se tem notícia nada tenha de *trash*: trata-se de **Casablanca**, cujo culto começou onze anos depois da sua realização, no sítio menos *camp* e mais seriamente intelectual que se possa imaginar: Cambridge, a zona de Boston onde fica a Universidade de Harvard. Desde Fevereiro de 1953, o Brattle Theatre organiza um culto a Humphrey Bogart, cuja peça central é **Casablanca**. Foi só mais tarde que os filmes de culto passaram a ser sinónimo de mau cinema, embora haja exceções como **The Rocky Horror Picture Show**, o filme a ter ficado mais tempo em cartaz de toda a história do cinema (quarenta e sete anos ininterruptos à data de hoje).

Como observa o especialista Jack Stevenson, num dos artigos do seu livro *Land of a Thousand Balconies*, o *trash* nem sempre é lixo (*Trash Ain't Garbage* é o título do artigo). Para ele, o *trash* como forma consciente de cinema nasce em 1963, com **Flaming Creatures** de Jack Smith (outro filme de culto, embora muitos não o considerem *trash*) e sobretudo: “Para perceber o «trash», é preciso perceber a relação dos Estados Unidos com a sua antítese, a arte. Nos Estados Unidos, a «arte» é um conceito impotente, uma conspiração francesa, uma coisa pendurada nas paredes das casas dos ricos. Nunca foi considerada um tónico espiritual para o comum dos mortais, como na Europa”. Isto

explica muita coisa, entre outras uma coisa como **Let Me Die a Woman/Man or Woman?**, puro *trash*, tanto do ponto de vista técnico como conceptual, que dificilmente poderia ser um objeto de culto, não só pelo tema, como por certas imagens. Um tema particularmente pesado e para muitos repulsivo, a alteração radical dos corpos, não num filme de horror ou de ficção científica, mas a sério, na realidade, veiculado por um objeto que tem toda a aparência de um pseudo-documentário, de uma peça de publicidade para um médico (ou será um ator a fingir de médico?). Produzido por uma empresa chamada Hygiene Films (!), o filme é mais um exemplo de que Doris Wishman é especialista em encontrar títulos magníficos para os seus filmes, como **Bad Girls Go To Hell** e **Nude on the Moon**. Ela era *“sometimes referred as the female Ed Wood”*, segundo a notícia necrológica de *Variety*. **Let Me Die a Woman/Man or Woman?** foi lançado no circuito do *soft core* nos países onde este circuito existia (ficou nada menos de sete semanas em cartaz numa sala deste género em Montreal e foi distribuído em Londres). O apelo ao *voyeurismo* do espectador é evidente e levanta uma questão: o *soft core* será o *trash* do cinema pornográfico? Independentemente deste aspecto, **Let Me Die a Woman/Man or Woman?** tem um elemento clássico dos velhos filmes educativos e de propaganda: o douto narrador, exterior à ação, que guia o espectador como um professor guia um aluno, personagem que foi imortalizado de modo paródico por Charles Gray em **The Rocky Horror Picture Show**. Mas Leo Wollman é um sério rival de Charles Gray, pois aqui o tom é tão sério que quase se torna mais paródico do que qualquer paródia. Como qualquer filme *trash* que se preza, este é uma autêntica colcha de retalhos, com tudo ao molho e fé em Deus e no Diabo. Há diversos enquadramentos sobre os diplomas do Dr. Wollman; quadros anatómicos; aulas de anatomia comparada, com a presença de travestis a que ele chama “transexuais”; sessões de terapia de grupo, entrevistas terapêuticas; “reconstituições” ficcionais “trashíssimas” de um suicídio, de um acidente pós-operatório e de uma cena de auto-castração; planos de objetos cirúrgicos e de objetos que se encontram à venda nos *sex shops* (objetos de *“uma tribo muito primitiva”*, como observou Paul Theroux num dos seus romances); atos sexuais simulados, numa espécie de nova educação sexual para adultos; imagens muito precisas de operações de troca de sexo (pelo menos é o que dizem, pois pode-se preferir fechar os olhos nestas passagens). Magritte, Botticelli e a pintura flamenga vêm ilustrar o corpo masculino e o feminino para melhor definir a *“monstruosa brincadeira biológica”*, que consiste em *“aprisionar”* uma mulher no corpo de um homem e vice-versa. Com técnica de jornal de escândalos, o Dr. Wollman mostra-nos uma série de manchetes escandalosas e convidamos a irmos *“atrás das manchetes”*. Com tocante modéstia, compara-se a Jonas Salk, que lançou a primeira vacina contra a poliomielite e a Christian Barnard, que fez o primeiro transplante de coração. Não chega ao ponto de dar a morada da sua clínica, talvez por medo de complicações com a polícia americana, mas refere-se a uma clínica em Casablanca onde eram feitas operações deste tipo e onde ele possivelmente exercia, se é que é mesmo médico e não ator. Tudo isto é entremeado com a entrevista de um transexual porto-riquenho, com unhas feitas e cabelos bem penteados, que declara detestar as *“feministas que ateam fogo aos soutiens”* e que fica feliz por não poder ter filhos porque teria muito medo de ter um filho homossexual. A mudança de sexo é um artifício tão completo que o indivíduo se torna assexuado. Leslie, o tal porto-riquenho, reconhece que *“sou solitário/a, mas sou feliz, porque agora sou uma mulher”*. Porque *pensa* que é uma mulher, da mesma forma que é possível pensar que isto é um filme. É vasto o território do *trash*, espécie de mundo paralelo do cinema, com a mesma diversidade do cinema “oficial”, “verdadeiro”, “real”, em suma, do outro cinema. O *trash* é uma espécie de face oculta da Lua.

Antonio Rodrigues